

TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
E DO CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR

VOL. XI — FASC. 3-4
(NOVA SÉRIE — DA SOCIEDADE E DO CENTRO)



PORTO — 1948

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA — Faculdade de Ciências

Cemitério da Idade do Bronze nos arredores de Faro

POR

Mário Lyster Franco e Abel Viana

Em Março de 1945, numa propriedade pertencente ao Sr. Joaquim Rodrigues Calças, no sítio da Ferradeira, freguesia da Conceição, concelho de Faro, ao abrir-se estreita e profunda vala para alojamento de uma conduta de irrigação, descobriram os trabalhadores algumas sepulturas antigas. A notícia do achado foi muito louvavelmente transmitida ao Sr. Dr. Justino de Bivar Weinholtz, ilustre Director do Museu Arqueológico de Faro, que não só obteve da Câmara Municipal as facilidades de transporte que nos permitiram a deslocação até ao local, mas também nos acompanhou dedicadamente na visita de exploração.

Toma-se pela estrada camarária que, do Rio-Seco, passa por Bela-Curral e vai até Pexão, aldeia do termo olhanense, e cerca de três quilómetros adiante, encontra-se, pela esquerda, o caminho vicinal que leva à Ferradeira. O local dista mais ou menos cinco quilómetros desde a saída da cidade e é geològicamente constituído por materiais de antiga praia e outros transportados, segundo cremos, pelas torrentes das últimas fases quaternárias que foram, de um modo geral, as que contribuíram para a formação do terreno que nesta zona circundante da capital algarvia representa a máxima parte do solo arável mais intensamente agricultado e produtivo.

Tal camada, revolvida por sucessivos trabalhos agrícolas, mostra, no ponto em referência, uma espessura que não vai além de 60 centímetros e que por sua vez assenta em outra de calcário alterado (caliço) mesclado de infiltrações argilosas, cujo limite inferior não chega a aparecer na vala que cortou as sepulturas, embora esta atinja ali cerca de dois metros de profundidade.

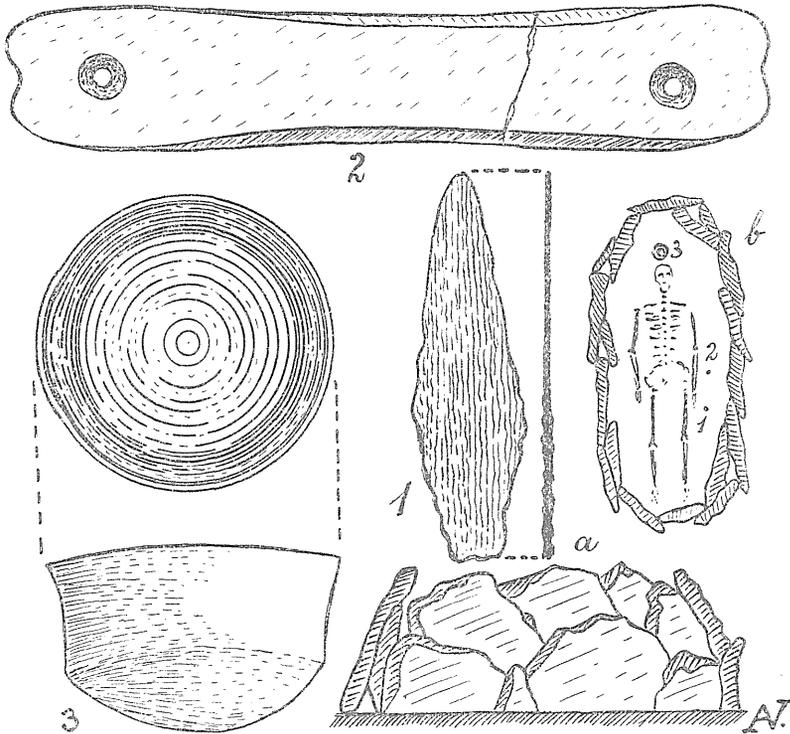
À superfície encontraram-se algumas quartzites lascadas que Abel Viana estudará em outro trabalho.

As sepulturas devassadas foram em número de três, duas das quais os trabalhadores esvaziaram completamente, e porque o eixo da vala coincidiu com a própria tumulação, da arquitetura delas não nos ficou mais do que um dos lados de uma e um dos topos da outra. Quanto à terceira, os cavadores apenas lhe destroçaram os pés, pelo que foi a única que permitiu exploração relativamente mais cuidada. E, apesar das difíceis condições de pesquisa, devido à estreiteza da vala, que não teria mais de 45 centímetros de largura, ainda se pôde obter dela o espólio que adiante se descreve.

A orientação dos túmulos era sensivelmente N. S., ficando para o N. o crânio do esqueleto jacente nesta última sepultura.

Relativamente à arquitectura do monumento funerário, observou-se consistir em uma larga concavidade rectangular com as cabeceiras arredondadas, aberta no caliço, até um metro abaixo do nível do solo, revestida de informes blocos de calcário brando (pedra caliça), de tamanho muito variável, postos de cutelo e sobrepondo-se pelas extremidades, formando desse modo caixa de configuração muito grosseira (Vid. Fig. 2 letras «a» e «b»). Estes blocos não tinham sinais de qualquer aparelho, ainda que o mais rudimentar. Nenhum deles também se justapunha pelos topos. Ligeiramente inclinados para dentro, completada a sua altura por meio de outros colocados mais acima e pela banda de

fora, tapados, com outros blocos menores, os buracos resultantes da irregularidade de contornos, o conjunto das paredes e cobertura revelava aspecto de abóbada feita de grandes calhaus postos a seco, isto é, sem argamassa de ligação. Com o tempo



Sepulturas da Ferradeira: a) — corte longitudinal; b) — posição do esqueleto e dos objectos que o acompanhavam; 1 — lança de cobre; 2 — braçal de xisto; 3 — urna.

e dada a natureza dos blocos, essa ligação prestes se fez e de maneira tão sólida que as paredes da caixa tumular formavam como que uma só peça, perfeitamente adaptada ao terreno envolvente. Mal se definia a superfície de contacto entre este e os blocos constitutivos da caixa. Por tal motivo, tanto nesta sepultura

como nas outras, não houve esmagamento das ossadas nem da cerâmica ritual, embora alguns cascões engrossados pelas infiltrações calcárias se houvessem desprendido da superfície interna da cobertura, ou cúpula rudimentar.

O esqueleto, destruído pelos abridores da vala desde meia altura dos fêmures até à extremidade dos membros inferiores, estava deitado de costas, com a nuca bem assente no terreno e os braços estendidos ao longo e aos lados do tronco. Dele se aproveitaram a parte superior do crânio, algumas vértebras e parte do humero direito, não tendo sido possível colher outros elementos osteológicos, úteis, devido à forte aglutinação da argila em que se incrustavam e, muito principalmente, à custosa posição de trabalho a que obrigavam as forçadas condições da pesquisa.

Ao lado esquerdo do esqueleto, por altura dos quadris, jazia uma pequena folha de lança (Vid. Fig. — N.º 1); ao nível do braço esquerdo, surgiu o braçal de pedra polida (Vid. Fig. — N.º 2); imediatamente por detrás do crânio, encontrou-se uma urna de barro negro (Vid. Fig. — N.º 3), com pequena porção de terra lentamente depositada.

Referem os camponeses que nas outras duas sepulturas foram também achadas vasilhas de barro e ossadas. Por amável oferta do dono da propriedade, obteve-se ainda uma daquelas (Vid. Fig. — N.º 4), sobre cujas condições de achado nada pôde determinar-se, tendo-se extraviado as restantes. Das ossadas, em parte abandonadas no local, conseguiram-se ainda recuperar alguns ossos longos (dois fêmures e uma tíbia) e uns restos de maxilar tendo ainda os dentes implantados, cujo estudo antropológico entregamos à alta competência do eminente Professor Sr. Dr. Mendes Corrêa.

O mobiliário da sepultura por nós explorada e a vasilha obtida por oferta foram entregues ao Museu Arqueológico de Faro. Passamos à respectiva descrição:

1 — Folha de lança, de cobre, do feitio de losango muito alongado, truncado pelo meio da metade inferior.

Comprimento — 0^m,077; largura máxima — 0^m,023; espessura (uniforme) — 0^m,001.

O exemplar acha-se em perfeito estado de conservação. Os bordos da metade triangular superior são ainda cortantes; os da parte inferior foram acentuada e grosseiramente achatados e serrilhados, a fim de, certamente, permitir mais segura fixação à respectiva haste. Lembra, por exemplo, várias folhas de lança, também de cobre, que Estácio da Veiga reproduz na estampa a seguir à pág. 121, do Vol. III, das suas *Antiquidades Monumentaes do Algarve*, nomeadamente as que têm os n.ºs 10 e 11, provenientes ambas de Palmela. Em geral, tanto as do Algarve como as de outras regiões do País, têm o espigão, ou pedúnculo, mais pontiagudo. Pode muito bem ser que a porção inferior do presente exemplar não fosse primitivamente truncada, e que a forma actual lhe tivesse sido dada por fractura accidental da parte que servia de espigão. Esta hipótese pode até ser corroborada pelos vestígios de um orifício que parecem ainda ver-se ao centro dessa parte truncada e que teria, possivelmente, contribuído para a fractura.

2 — Braçal de arqueiro, de ardósia cinzenta perfeitamente polida. A figura dispensa minúcias descritivas.

Comprimento — 0^m,115; largura máxima — 0^m,028; largura mínima — 0^m,023; espessura — 0^m,011.

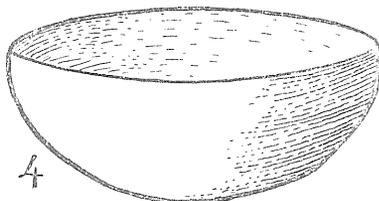
Leite de Vasconcelos (Vide *De terra em terra*, vol. 2.º, pág. 244) dá-nos a descrição e o desenho de dois braçais idênticos a este, existentes no Museu de Faro, dizendo que um deles é da necrópole da Campina (arredores de Faro e muito próximo da Ferradeira) e o outro de proveniência incerta, mas provavelmente algarvia. O nosso exemplar é muito semelhante a este último, vindo, assim, reforçar a hipótese de ter sido aquele

achado no Algarve, podendo nós acrescentar — e nos arredores de Faro.

3 — Urna de barro negro. Exemplar correctamente modelado, podendo considerar-se perfeito, não obstante algumas pequenas falhas no bordo, ocasionadas pela pressão das terras, no momento de ser exumado — ocorrência que, apesar de todas as cautelas, se não pôde evitar.

Diâmetro na boca 0^m,131; altura 0^m,065; espessura média das paredes 0^m,007.

Mostra a conformação geral das vasilhas argáricas, mas de bordo mais alto e com aresta menos pronunciada na junção da



Sepulturas da Ferradeira — Urna semi-esférica.

parte inferior, em forma de calote esférica, com a parte anular, de curva levemente reintrante. Tem alguma semelhança com certos exemplares obtidos por Estácio da Veiga na Torre dos Frades (Cacela), representados na Estampa XIII, do Vol. IV, da sua citada obra e por ele atribuídos à época que denominou de Idade do Cobre. Suspeitamos, porém, que o da Ferradeira é de tipo mais arcaico.

4 — Urna de barro vermelho. Exemplar, como o anterior, correctamente modelado e, apesar de se desconhecerem as condições em que teria sido exumado, bem mais perfeito do que o outro, pois apenas mostra ligeiras escoriações no bordo. Foi também, como, infelizmente, é hábito, um tanto raspado pelos achadores.

Diâmetro na boca 0^m,103; altura 0^m,044; espessura média das paredes 0^m,004.

Mostra igualmente a conformação das vasilhas argáricas, em forma de taça, ou, mais pròpriamente, de calote esférica. É semelhante à que aparece representada em primeiro lugar, na fig. 31, a pág. 99, da *Prehistória — La Edad del Bronce* de Moritz Hoernes-Friedrich Behn (3.^a ed.) e a uma outra que foi recolhida pelo Sr. Eng.^o A. de Melo Nogueira e que aparece reproduzida na Estampa VIII, fig. 16, do seu estudo *Estação Pré-histórica de Otelas*, in *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Tomo XVII, 1931, págs. 105 a 124.

Pela forma do monumento tumular, posição do esqueleto, rito adoptado (inumação) e características do espólio recolhido, entendemos que a sepultura explorada pertence ao período inicial da Idade do Bronze (cerca de 2500 antes de Cristo, segundo a cronologia estabelecida por Déchelette para o começo do Bronze no ocidente europeu). Desse período seriam, certamente, também as restantes.

Admitindo a possibilidade de serem as três sepulturas sòmente parte de um cemitério mais ou menos vasto, e apresentando elas características mais próximas do Eneolítico que todas as outras até agora descobertas no Algarve, fazemos votos para que, antes que os trabalhos agrícolas destruam e façam perder o resto, se torne possível a exploração pausada e cuidadosa desta estação que pode ser de muita importância.

E com a amável aquiescência, que já obtivemos, do dono da propriedade, esperamos poder vir a realizá-la, em data mais ou menos próxima.